

Falta base para uma recuperação segura

Encomendas para o Natal ainda não estão chegando à indústria — não, pelo menos, em volume bastante para mudar o ritmo de atividade nas fábricas. Em agosto, segundo as primeiras avaliações, a produção deve ter sido mais ou menos como a de julho. Informações dos setores de autopeças, produtos de borraça, embalagens de papelão e eletroeletrônico mostram a manutenção do total de negócios, ao longo dos últimos dois meses.

O desemprego continuou a crescer, segundo os números mais recentes. Mais 7,37 mil trabalhadores ficaram na rua, até a terceira semana de agosto, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Durante o ano, foram eliminados nas fábricas paulistas 120,9 mil postos de trabalho. Em 12 meses, o total chegou a 179,9 mil.

Se o alto desemprego não impede alguma reação dos negócios, dificulta, no entanto, uma recuperação mais sensível a curto prazo. As indústrias, mais enxutas, podem até exibir ganhos de produtividade, mas isso tem peso limitado quando o mercado consumidor permanece retraído. E não há como esperar grande mudança no consumo quando tanta gente está sem emprego. Além disso, o

consumidor ainda empregado enfrenta um ambiente de insegurança, mais favorável à poupança e à cautela do que à disposição de comprar.

Até junho, os números coletados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 11 Estados mostraram leve reação das vendas. Durante um semestre o faturamento industrial cresceu, embora o desemprego tenha aumentado. Por causa das demissões, da massa de salários ainda muito comprimida (com aumentos mensais localizados em poucos Estados) e da inflação muito alta, não se pode, segundo técnicos da CNI, prever que a indústria feche o ano com produção maior que a do ano passado. Mesmo os ganhos salariais detectados nesta ou naquela região tendem a esgotar-se, em pouco tempo, entre dois reajustes. No final de junho, de acordo com a CNI, o bolo salarial era praticamente igual ao de dezembro, em termos reais, isto é, descontada a inflação.

A exportação, avaliam os técnicos da CNI, continua como o principal suporte da atividade. De janeiro a julho, a venda externa de manufaturados foi 19,8%, maior que a de igual período de 1991. A comercialização da safra também criou, no primeiro semestre, alguma procura

adicional de produtos industriais. Mas esse efeito deve estar praticamente esgotado. De agora em diante, até o final do ano, o setor agrícola contribuirá principalmente com a compra de insumos para plantio e trato das lavouras colhidas no verão e no outono. O efeito mais grave da crise — mistura de recessão, inflação e incerteza política — é, no entanto, a compressão dos investimentos. A formação de capital continua muito baixa tanto na atividade privada quanto no setor público. Isso não apenas freia a recuperação, a curto prazo, como ainda limita a capacidade de expansão em período mais longo. É pouco provável que o investimento global, neste ano, fique muito acima de 15%, do Produto Interno Bruto (PIB).

O prolongamento da crise política e o recrudescimento da inflação, mesmo gradual, tornam ainda mais difícil prever para este ano um resultado melhor que uma expansão de uns 2,5% — resultado praticamente garantido, nesta altura, segundo avaliação de vários especialistas. Embora melhor que o do ano passado, esse número nada significa em termos de perspectiva, sem a garantia de uma política bem definida e de um esforço continuado de reformas.

ESTADO DE SÃO PAULO

*5 SET 1992